

A REESCRITA DAS FÁBULAS PELOS LIBERAIS MODERADOS NO INÍCIO DO SÉCULO XIX BRASILEIRO

JINZENJI, Mônica Yumi – UFMG

GT-02: História da Educação

Agência Financiadora: CNPq e CAPES

O século XIX representou um período marcado por importantes mudanças no nascente Império Brasileiro. A família Real portuguesa trouxe consigo um novo repertório de práticas sociais e culturais que incluíam as festas e cortejos, bailes, o teatro, além da instalação da primeira tipografia oficial. O estabelecimento da imprensa impulsionou o desenvolvimento de novas práticas políticas e culturais no Brasil, já que, além dos documentos oficiais, se passaria a imprimir também outros tipos de materiais, incluindo-se os jornais e obras de cunho científico e literário (NEVES & MACHADO, 1999).

A intensa produção e circulação de periódicos será uma das marcas dessa fase inicial da produção impressa brasileira, coincidindo com o uso desse impresso como veículo para as disputas políticas travadas pelos diversos grupos (LUSTOSA, 2000; NEVES, 2003). Além disso, assim como na Europa, os jornais produzidos no Brasil do século XIX tinham como princípio, o projeto iluminista de veicular valores e idéias visando educar o público leitor, dentro de um projeto civilizatório. Sobretudo após a conquista da independência, “a imprensa passa a ser constantemente referida como o meio mais eficiente e poderoso de influenciar os costumes e a moral pública, discutindo questões sociais e políticas” (PALLARES-BURKE, 1998; 147).

O imbricamento dos impressos periódicos com os acontecimentos políticos e sua pretensão pedagógica são os eixos centrais deste estudo que analisa o uso que segmentos dos liberais moderados fizeram de um gênero literário já então bastante conhecido, as fábulas de origem grega, para difundir seus princípios entre os leitores. Trata-se de considerar que, nas primeiras décadas do século XIX, a ação educativa era exercida por várias “instituições”; concomitantemente à escola, os meios/espços não-escolares de formação tiveram importante função na transmissão de valores, comportamentos e na difusão de conhecimentos, tendo os jornais, papel imprescindível nesse processo (PALLARES-BURKE, 1998; FARIA FILHO, et al., 2006).

Analisa-se especificamente um semanário, *O Mentor das Brasileiras*, impresso entre 1829 a 1832¹ na vila de São João del-Rei, uma das maiores e mais populosas vilas da província de Minas Gerais no período. Tinha como redator, José Alcibiades Carneiro, professor de Gramática Latina e advogado naquela vila. Este jornal se distinguia dos demais em circulação, por ter sido um dos poucos periódicos voltados para o público feminino na primeira metade do século XIX². Suas características materiais também o faziam se destacar dos demais periódicos do período, como o formato menor, as letras maiores e o conteúdo bastante diversificado, que incluía trechos de obras filosóficas, de história do Brasil, política, moral e costumes, e as fábulas.

A inserção das fábulas fazia parte das “lições de política” que visavam instruir as leitoras e leitores dentro dos ideais liberais. O liberalismo moderado, posicionamento político adotado pelo redator e que se fortaleceu entre as décadas de 1820 e 1830 no Brasil, se caracterizava pela crítica à Monarquia Absolutista, reservas quanto à idéia de revolução, ocupando uma posição de “centralidade”. Defendia-se a soberania da razão, liberdade limitada e a Monarquia Constitucional, sendo marcado principalmente pela maleabilidade: em 1822, ser liberal moderado significava defender a independência do Brasil ao lado do Monarca; em 1831, significava destituir o próprio monarca (MOREL, 2005).

Os princípios políticos dos liberais moderados permeiam toda a escrita do jornal, e percebe-se a preocupação em adaptar seu conteúdo para o público feminino. Num de seus números iniciais, o redator afirma que “vacilávamos na escolha dos assuntos próprios para um sexo, que ainda não consideramos naquela perfectibilidade de princípios capazes de o tornar hábil para a compreensão de materiais difíceis por sua natureza, qual a política tomada em seu rigoroso sentido”³. Em vista de sua compreensão de ser a política, assunto complexo e árido demais para a compreensão das mulheres, teria o redator optado por discutir esse assunto através das fábulas, além de

¹ Foram impressos ao todo, 129 números, tendo 8 páginas cada.

² O *Mentor das Brasileiras* foi o segundo periódico voltado para o público feminino, tendo sido antecedido apenas por *O Espelho Diamantino* (Rio de Janeiro, 1827-1828).

³ O *Mentor das Brasileiras*, n. 05, 05/12/1829.

outras obras voltadas para a educação de crianças e jovens. Foram impressos, ao todo, 33 fábulas entre seus números semanais⁴.

O termo *fábula* tem sentido bastante amplo; de origem latina, pode designar qualquer narração ou relato fictício. As fábulas de origem esópica são caracterizadas pela constante referência à vida animal como metáfora para a vida humana. Essas fábulas, também chamadas de *Apólogos*, constituem um gênero cuja origem se atribui ao grego Esopo (630-560 a.C.), não pela criação, pois antes dele já existiam fábulas, mas pelo reconhecimento ao seu talento em reunir temas antigos, atualizá-los e criar novas fábulas, resultando numa extensa produção (CHAMBRY, 1927; XXIII).

Ao longo dos séculos, as fábulas de Esopo foram sendo traduzidas, reescritas e apropriadas por vários escritores e fabulistas, ganhando importância cada vez maior na educação das novas gerações. A indicação do uso de fábulas para o ensino de crianças e jovens está presente em obras de autores dos séculos XVII e XVIII, como em *Tratados sobre a educação das meninas* (1687), de Fénelon, em que ele afirma que “as crianças são propensas a gostar de historietas fantásticas”, de preferência aquelas curtas e alegres, ou apólogos com animais (FÉNÉLON, 1750; 54). John Locke também indica o uso de fábulas, especialmente para o ensino da leitura, em *Alguns pensamentos sobre educação* (1693). Segundo ele, as fábulas de Esopo são as mais indicadas por serem simples para o aprendiz e, além de servir de entretenimento aos infantes - principalmente se acompanhadas de figuras -, proporcionam reflexões úteis para os adultos (LOCKE, 1737; 170).

Entretanto, as fábulas eram também alvo de polêmicas. Rousseau apresentava restrições à sua leitura por crianças e, em *Emílio* (1762), critica especificamente as Fábulas de La Fontaine que, segundo ele, instruem os adultos, mas as crianças são incapazes de compreender a moral que subjaz, de modo que o que deve ser ensinado à criança deve ser dito diretamente e não em termos de alusão. Em diálogo imaginário e irônico com La Fontaine, ele afirma:

Prometo, de minha parte, que vos lerei com discernimento, que vos amarei, que me instruirei com vossas fábulas, pois espero não me enganar sobre seu objeto;

⁴ Este número pode ser maior, devido à inexistência, nos arquivos, de 5 números.

mas, quanto ao meu aluno, permiti que não o deixei estudar nenhuma de vossas fábulas, até que me houverdes provado que é bom para ele aprender coisas de que não compreenderá nem um quarto, e que, naquelas que puder compreender, nunca se enganará e não imitará o malandro em lugar de se corrigir com o pateta (ROUSSEAU, 1999; 127).

Essa crítica seguia a tendência de se estabelecer hierarquias entre os gêneros literários nas quais a fábula não ocupava unanimemente um lugar privilegiado, sendo mesmo considerada gênero de má reputação, entre as “pessoas honestas”⁵. Em uma de suas fábulas, oferecida ao Monsieur de Barillon, embaixador da Inglaterra, *La Fontaine* sugere o lugar de “literatura menor” ou mesmo de “temerária” ocupado pelas fábulas:

Le pouvoir des fables

La qualité d’ambassadeur
 Peut-elle s’abaisser à des contes vulgaires?
 Vous puis-je offrir mes vers et leurs grâces légères?
 S’ils osent quelquefois prendre un air de grandeur,
 Seront-ils point traités par vous de téméraires?
 Vous avez bien d’autres affaires
 A démêler que les débats
 Du lapin et de la belette (...)
 (DELBIAUSSE, 1947 ; 113).

As fábulas, no entanto, mantiveram seu prestígio entre os filósofos “moralistas” e educadores. No século XIX, conhecer as fábulas de cor e recitá-las fazia parte das atividades escolares na França que, além disso, assistiu à difusão em massa de fábulas nos manuais escolares (ALBANESE, 2003). As fábulas também circulavam através da imprensa periódica européia, estando presentes desde o século XVIII no *Mercur de France, Monthly Review, Spectator, Tatler, Bibliothek der schönen Wissenschaften und freyen Kunst*, indicando a popularidade desse gênero e sua ampla difusão através de outros meios (NOEL, 1975; 3).

No Brasil, o interesse pelos livros de fábulas também era grande em fins do século XVIII e início do século XIX. As *Fábulas de La Fontaine, Fábulas de Esopo* e as *Fábulas de Fedro* constavam entre os títulos bastante solicitados em requisições submetidas ao Desembargo do Paço no Rio de Janeiro (ABREU, 2003)⁶.

⁵ Dictionnaire de Biographie Française. Roman D’amat; T. Limouzin-Lamothe. Paris VI. Librairie Letouzey et Ané. Fascicule CIX, 1995. Jean de La Fontaine.

⁶ Ver listas dos livros mais solicitados nas páginas: 90, 93 e 114.

As fábulas inseridas no periódico *O Mentor das Brasileiras* eram as seguintes: 1- O velho e o burro; 2- O macaco e os viandantes perdidos; 3- [A raposa e a máscara]⁷; 4- [A rã e os touros]; 5- [O lobo e o cão]; 6- A pomba e a formiga; 7- O lobo moralista; 8- O cão e sua sombra; 9- O lobo e o cordeiro; 10- [A onça e os cordeiros]; 11- [A macaca e o burro]; 12- [A águia e a aposita]; 13- O cão fiel; 14- O gato e os coelhos; 15- O gavião e as pombas; 16- O dragão e os raposos; 17- O leão e o burro saem para caçar; 18- O cão e o crocodilo; 19- O lobo e os cães; 20- O cavalo e o javali; 21- O chafariz e o tanque; 22- O cordeiro entre as cabrinhas; 23- O perigo; 24- O poeta, o cérebro, a pena e o tintureiro; 25- As rãs pedindo um rei; 26- A águia, a gata e a porca; 27- A necessidade de amar; 28- Alexandre; 29- O jovem rei; 30- A educação de um Príncipe; 31- O perigo [repetido]; 32- A esperança; 33- [Madame Valliere].

Além da omissão de alguns títulos, apenas poucas fábulas têm a autoria indicada, como La Fontaine (n. 2), Fedro (n. 8 e 9), Pierre Blanchard, do livro *Thesouro de Meninos* (n. 6) e “fábula traduzida do italiano” (n. 24). Percebe-se também, que as fábulas envolvendo animais não representam a totalidade, havendo referências também a objetos e pessoas, o que já estava presente em Esopo e fabulistas posteriores.

A análise das fábulas indicou que 14 delas foram extraídas de Fedro (1,3,4,5,8,9,12,13,15,17,18,20,25,26), 1 do livro de Pierre Blanchard e 4, do periódico *O Popular*, de Pernambuco (14,16,19,21), ficando as restantes, sem identificação de autoria.

Fedro foi um fabulista de origem grega, nascido por volta de 15 a.C. e teria vivido até meados do século I d.C. Escravo libertado do Imperador romano Augusto, escreveu em latim, cinco livros contendo ao todo 135 fábulas, entre inéditas e reescritas de Esopo. Fedro utilizava as fábulas para fazer uma “sátira encoberta do contexto que lhe rodeava”, utilizando de seus escritos como arma de combate moral e político. Seus dois primeiros livros foram proibidos durante algum tempo, sob a alegação de conterem alusões e ataques pessoais (ADRADOS, 1979-1987; p. 136). Possivelmente, o tom de crítica e ataque às injustiças políticas fez de Fedro um dos principais fabulistas dos quais se retirou mais de uma dezena de fábulas para compor as páginas de *O Mentor das Brasileiras*.

⁷ Entre colchetes, títulos ausentes no jornal e atribuídos por mim com base no assunto tratado pelas fábulas.

Fedro iniciava as fábulas geralmente com uma frase explicativa, em que ele antecipava o ensinamento moral que seria ilustrado, e em seguida desenvolvia a breve história. O redator de *O Mentor* inverte essa ordem, apresentando inicialmente a história, sob o subtítulo de *fábula*, em letra maiúscula, e ao encerrar a história, sob o título de *moralidade*, ou *reflexões*, um texto com sua explicação. Essas são as duas características principais das fábulas de origem esópica: a brevidade e a presença de uma “moral” explícita, ao que se denomina comumente de “metáfora do corpo e alma”; a historieta em si seria o corpo, enquanto a moralidade seria a alma (NOEL, 1975; 17). Segue como exemplo, a primeira fábula publicada em *O Mentor das Brasileiras*.

O Velho e o burro

Viajava um velho por uma estrada com um burro carregado; saíram de emboscada uns ladrões, e para eles se encaminharam com ânimo de fazer presa no burro com a carga que conduzia. O velho assustado, com boas palavras persuadia ao sendeiro, que apressasse os passos para poderem escapar das garras dos ladrões que se aproximavam; porém o burro cada vez mais vagaroso lhe perguntou: se acaso ele caísse no poder dos ladrões, se estes lhe poriam duas albardas; ao que respondeu francamente o velho, que não lhe poriam mais que uma. Então o burro sem alterar o seu passo vagaroso, lhe tornou = pois que me importa que eu sirva a ti ou a eles, com tanto que eu leve as minhas albardas?

Moralidade

Esta fábula nos oferece grandes moralidades, se a lermos com reflexão. O seu autor quis por ela, mostrar que quando se trata da mudança dos principados dos Reis, os pobres nada mudam se não o nome do Senhor; mas nós descobrimos mais uma idéia de moralidade ao comportamento do burro para com o velho seu Sr. O burro nenhuma utilidade encontrou em fugir das garras dos ladrões, e acompanhar ao velho uma vez que a sua sorte não melhorava, e a sua condição era sempre a de servir debaixo das cargas, e do azorrague. Tal é pois a condição do escravo, que nenhum empenho tem em defender a um Sr. Para se submeter ao jugo de outro; porque nesta mudança só se altera o nome em quanto a sorte do miserável é sempre a mesma.

Um governo despótico está nestas mesmas circunstâncias; os vassallos (título de que mais se presam os servís) não podem se dispor com coragem a derramar seu sangue para defender a vida de um tirano, que lhes recompensa seus esforços com o azorrague, com opressão, e com tirania; (...)

Qual será pois os indivíduo que ainda gosa das faculdades da razão, que queira expor sua vida, derramar seu sangue, e arrancar a última substância de sua família, para sustentar e defender a vida de um déspota, que de dia em dia só medita como se há de fazer temível já com a proscricção de uma família inteira (...)

O Brasil está em marcha; ele não pode retrogradar; (...) E com quanto conhecemos a bondade e magnificência de nosso IMPERADOR, jamais O queremos despótico; por isso mesmo que muito estimamos a Sua conservação, e a felicidade da Pátria.

Nunca queremos Monarca sem Constituição, nem Constituição sem Monarca. Por defendermos a Constituição daremos a própria vida, a não nos tornaremos inertes à maneira do burro da fábula. Para um fim tão justo, qual é sustentar a liberdade, nenhuma mãe negará seu filho, nenhuma esposa impedirá com imprudentes lágrimas os passos de seu marido, nenhuma Senhora mesmo se julgará destituída de forças para defender a liberdade de sua pátria se a ver atacada; este amor inato da liberdade faz rebentar nas épocas precisas os germes das virtudes patrióticas, e do sexo o mais delicado faz sobressair ações de um heroísmo não vulgar. Não nos iludamos pois com vãs fantasmas, e continuemos a sustentar a causa santa da Constituição, e seremos uma Nação sempre ditosa⁸.
[destaques meus]

Esta primeira fábula e moralidade são exemplares por permitirem discutir diversos aspectos da temática aqui tratada. O redator do jornal considera e transcreve a interpretação moral sugerida por Fedro, cujo trecho se encontra sublinhado, no início da *Moralidade*. Em seguida, acrescenta 4 páginas de discussão, relacionando a fábula ao contexto político do Brasil pós-independência, na qual pode-se perceber os imperativos do *vocabulário político* utilizado pela elite política liberal: a crítica à Monarquia Absolutista, associada à idéia de “despotismo” e “tirania”, e o enaltecimento do Imperador, em letras de destaque, em defesa da Monarquia Constitucional. Merece destaque o último parágrafo, em que o redator conclui seu pensamento com um apelo para que as senhoras leitoras sejam atuantes, em oposição à postura do burro. Quer apoiando filhos e maridos na luta em defesa da “liberdade”, quer ela mesma lutando por essa liberdade⁹ - visto possuir “amor inato” por ela -, buscava-se construir um papel para as mulheres nesse contexto, que se oporia à passividade em assuntos políticos.

Sobre a liberdade a partir da qual o redator do jornal opera uma interpretação contextualizada da fábula de Fedro, segundo Fragonard, de fato, a interpretação da fábula não é constante e se trata de um gênero que se revela capaz de circular entre um universo e outro (FRAGONARD, 1992; 110), sendo apropriado (DE CERTEAU, 1996; 264) e utilizado quando e onde pode fazer algum sentido. Importante ressaltar que as fábulas não são, na sua origem, morais ou amorais. “Não possuem mais que a astúcia;

⁸ O Mentor das Brasileiras, n. 06, 06/01/1830, p. 41-45; a análise é feita em comparação com a mesma fábula encontrada em *The Fable of Phaedrus*, op. Cit., p. 29.

⁹ A liberdade neste contexto deve ser entendida como liberdade restrita, excluindo o direito às mulheres de participação política efetiva, assim como as pessoas de classes econômicas inferiores; a escravidão a que se refere na moralidade não se refere ao trabalho escravo, mas à situação de dependência política dos sistemas coloniais. Os liberais moderados não questionavam a força de trabalho escrava.

mas a evolução da fábula caminha no sentido da moralização: os fabulistas registram suas narrativas no universo social, e introduzem as noções de justiça e virtude” (BOIVIN, 1996; 36).

Se por um lado o “corpo” da fábula tende a se manter mais estável ao longo do tempo, as interpretações e adaptações às diversas situações é que a tornam sempre atual. O redator de *O Mentor* indica esse aspecto da fábula ao trazer a interpretação de Fedro e, em seguida, dar a sua contribuição, dizendo “mas nós descobrimos mais uma idéia de moralidade ao comportamento do burro para com o velho...”, e é essa a interpretação que utilizará para desenvolver suas reflexões, visto que a de Fedro sugere a idéia de conformidade e acomodação, uma crítica mais contida, idéia oposta ao que Alcebiades pretendia difundir, de mobilização e ação.

Um outro uso específico de uma fábula extraída de Fedro é a que segue:

Por acaso uma raposa encontrou-se com uma máscara de Teatro. Bem examinando, exclamou = *Ó, quanta perfeição tem esta máscara; mas não tem miolo!!*

Reflexões

É bem óbvia a moralidade desta fábula; sem dúvida a raposa sentiu que o seu prazer não fosse completo com a vista daquela máscara, que apresentando uma beleza externa, falta-lhe contudo o espírito animante, que lhe pudesse melhor atrair sua atenção. Não quizeramos falar muito de perto sobre certos caprichos de algumas Senhoras em aumentar a beleza do semblante, esquecendo-se de promover os dotes de sua alma; mas lembrados do nosso dever, que principalmente consiste na epígrafe, que tomamos = *Fazê-las estimáveis pela sabedoria, e costumes*, = jamais consentiremos que as nossas Brasileiras sejam consideradas como máscaras de teatro, e escarnecidas pelas *raposas*. (...) Não é pois bastante em uma senhora a formosura física, se não também a formosura moral. (...) Do que acabamos de dizer, e da fábula, que transcrevemos, [ilegível] que as prendas mais regulares de uma senhora formosa não terão força, nem vida não sendo animadas pelo divino raio da ciência e da virtude¹⁰.

A interpretação sugerida por Fedro para esta fábula era: “Esta fábula é destinada para aqueles a quem a fortuna cobriu de honra e renome, mas carece de senso comum”¹¹. Tal interpretação não foi nem mesmo transcrita, e este preferiu discutir sobre a importância do cultivo da sabedoria, dos costumes e da moral, sendo visto como

¹⁰ O Mentor das Brasileiras, n. 11, 08/02/1830, p. 81-83.

¹¹ The Fables of Phaedrus, op. cit, p. 16-17.

superiores à formosura física ou ao cuidado com a beleza pelas mulheres. A crítica às preocupações com a moda e ao luxo será tema recorrente em *O Mentor* e em vários outros jornais do período, que buscam combater a tendência à imitação da moda francesa e a importação de roupas e acessórios, afirmando os valores e produtos nacionais e, principalmente, o cultivo da razão através da instrução. As fábulas seriam, portanto, não apenas leituras apropriadas para as senhoras; havia uma interpretação “correta” para se fazer bom uso delas; aquelas oferecidas pelo redator.

Outra fábula merece destaque neste estudo, por ilustrar mais uma apropriação singular operada pelo redator do jornal:

Uma Águia altaneira havia apanhado os filhinhos de uma Raposa, e os deitou no seu ninho em huma árvore alta para servir de alimento aos seus. A Raposa banhada em pranto com toda humildade lhe suplicava que não lhe causasse tanto desgosto, que atendesse aos sentimentos de uma mãe terna, e carinhosa; porém a Águia, que se considerava assaz segura pela altura de sua morada, desprezou tão [ilegível] súplica. A sagaz Raposa, enchendo-se de indignação por um tal orgulho, arrebatou uma faixa de fogo, com que incendiou os ramos baixos da árvore, dispondo-se a misturar o sentimento de seu sangue com a ruína de sua inimiga. Esta, para escapar do perigo da morte com os seus, restituiu à Raposa os filhinhos sãos e salvos. [destaque em aspas, de minha autoria]

Moralidade

Diz o autor desta Fábula, que os homens, posto que elevados em altas dignidades, devem, contudo, temer aos pequenos; porque a dócil sagacidade sempre alcança meios de vingança. Lição esta a mais digna de atenção, e que os grandes e potentados, que manejão as rédeas de um governo jamais devem desprezar! A História continuamente nos apresenta fatos convincentes de que a opressão de um tirano é que forma o desespero do povo, o qual para desabafar as suas mágoas, rompe nos maiores [ilegível] e nem já se importa de perder a vida com tanto que o seu opressor não se regozije impune de seus males. (...) ¹²

Esta fábula sofreu adaptações tanto no “corpo” quanto na “alma”: os qualificativos “terna” e “carinhosa” provavelmente foram acrescentados quando da produção desse número do jornal, visto que, na mesma fábula encontrada em *The fables of Phaedrus*, de 1745 e *Fabulas de Phedro*, de 1785, não se faz qualquer menção a essas características maternas. A este primeiro movimento de modificação do texto

¹² O Mentor das Brasileiras, n. 35, 28/07/1830, p. 278-279

segue-se outro, na reflexão moral sugerida no jornal, em que não há menção a nenhum aspecto da maternidade ou da vida familiar, mas ao potencial “bélico” do povo contra um governo “tirânico”, numa alusão à Monarquia Absolutista. Esta interpretação também não se encontra em *Fedro*, que faz um comentário mais geral criticando ou alertando aqueles que abusam por se localizar em postos elevados do poder. Ao conjugar elementos da vida familiar com discussões relativas ao âmbito das formas de governo, produz-se (ou se idealiza) um lugar para a mulher traduzido na figura da boa mãe, guardiã da família e ao mesmo tempo patriota, fiel aos ideais de lutar por uma nação independente, difundidos pelas elites políticas liberais.

É importante considerar que se trata de um difícil trabalho de verificar a autoria das alterações, visto que mesmo no mundo antigo, “os copistas dos manuscritos criam autorizados a introduzir variações intencionais de conteúdo, estilo e língua. Há infinitas derivações, contaminações, prosificações, versificações, etc. (ADRADOS, 1979-1987; 11)”. Ainda assim, mesmo se considerando que a alteração pode ter sido realizada por um tradutor de alguma versão do livro, é relevante notar que a versão impressa no jornal *O Mentor das Brasileiras* difere de outras versões em circulação no período. Importante também considerar que, em uma versão de Esopo, tanto a águia se alimenta dos filhotes da raposa quanto a raposa, por vingança, se alimenta dos filhotes da águia. Se esta versão carnivoraz já havia sido abandonada no século XVIII e transformada em outra em que não ocorre morte em nenhuma das ninhadas, a atribuição dos qualificativos “terna” e “carinhosa” é posterior à segunda metade do século XVIII, indicando a maleabilidade, mesmo do *corpo* das fábulas, que foram sendo tornadas mais “adequadas” de acordo com cada época. Essas adaptações nos textos prevêm, portanto, um *leitor modelo*, cujas competências de leitura esperadas estão relacionadas aos crivos morais supostos e/ou que se buscava construir (ECO, 1986; 40).

Grande parte das 33 fábulas eram adaptadas, portanto, aos acontecimentos contemporâneos de fins da década de 1820 e início da de 1830, oscilando de acordo com as transformações políticas e sociais, do ponto de vista dos liberais moderados. Até o início de 1830, as fábulas mantinham o foco sobre a necessidade de se manter vigilante contra os absolutistas, à “escravidão” relacionada à Monarquia Absolutista e o enaltecimento do Imperador e da Constituição. No diálogo entre *O lobo e o cão* (fábula 5), o lobo magro e esfomeado consulta o cão sobre as condições para ser bem

alimentado e saudável como ele, mas perde o interesse, visto que a contrapartida seria a perda da liberdade e viver sujeito às determinações de um senhor. Segundo o lobo, “*Pois então, amigo, goza tu somente, das vantagens que tanto louvas; pois eu não quero passar boa vida, não gozando da liberdade; aprecio mais este bem, que todos os outros*”¹³.

Os desfechos trágicos também são utilizados como ilustração, como na fábula *O gavião e as pombas*, em que o gavião convence as pombas de que, sendo seu rei, as defenderia dos perigos e elas levariam uma vida sem temores. As pombas acreditam e o gavião as mata, uma a uma; uma pomba moribunda exclama: “com razão somos maltratadas...”¹⁴, significando a falta de discernimento que fez com que fossem seduzidas pelo discurso de um tirano.

Após a abdicação de D. Pedro I, as moralidades das fábulas sofreram um deslocamento e, o Imperador, antes louvado, era agora criticado, conforme a fábula *O Chafariz e o Tanque*.

Em uma quinta formada com todo o primor d’obra, um chafariz se erguia às nuvens, e levava os olhos dos espectadores (...). O nosso chafariz, vendo-se assim elevado (costume antigo dos tolos) começa a dar chascos, e a insultar em sua linguagem ao humilde tanque, donde aliás tirava a todo o momento a substância que o mantinha, e fazia brilhar (...). Eis que um dos canais se rompe: a força d’água abre caminho para fora do tanque, e de improviso a onda ensurdece, decresce, vai se deslizando, esgota-se. O orgulhoso começa a conhecer-se: já se abate, já cai, não corre gota, e seca.

Reflexões

Já as nossas leitoras mais atiladas terão lobrigado o sentido deste Apólogo, que não deixa de ter seu sal e bastante moralidade para a nossa questão do dia; porém bom é que para tornarmos mais claro apliquemos o conto: O Sr. D. Pedro de Alcantara ex-Imperador do Brasil pelo voto dos Brasileiros se havia elevado à maior altura, que aqui podia chegar; ele obteve uma coroa, que lhe foi ofertada com a maior generosidade pelos Brasileiros; chegou a ter um ordenado, com que se podia sustentar ainda com profusão 4 Monarcas; em fim, apoderou-se da substância deste riquíssimo Império; porém, bem depressa caiu na mesma loucura que o D. Chafariz; orgulhoso e soberbo principiou a oprimir e insultar a aqueles mesmos que o sustentavam no trono.(...) Eis aqui como tão depressa o nosso Chafariz coroadado evaporou-se, sem que tenhamos mais lembranças que de suas arrogantes expressões quando assentado sobre o trono.¹⁵ [grifo meu]

¹³ O Mentor das Brasileiras, n. 19, 10/04/1830, p. 146-148.

¹⁴ O Mentor das Brasileiras, n. 48, 29/10/1830, p. 378-380.

¹⁵ O Mentor das Brasileiras, n. 74, 13/05/1831, p. 586-587.

Em seguida, no período regencial, uma última fábula da tradição esópica era utilizada para defender a moderação no governo, numa explícita defesa aos princípios dos liberais moderados, *As rãs pedindo um rei*¹⁶.

As rãs, que vagavam livremente pelas lagoas, quase que aborrecidas desta liberdade, com uma grande gritaria pediram a Júpiter um Rei, que com energia refreasse os seus costumes dissolutos. O Pai dos Deuses riu-se de uma tal petição; mas procurando contentá-las, mandou-lhes uma varinha, a qual caindo sobre a lagoa fez um tal estrondo, que as rãs se espantaram, e se foram esconder na lama: entretanto elas respeitavam o seu Rei sem o conhecerem, por isso que se achara envolvido no limo. Porém uma das rãs mais curiosa, deita para fora do tanque a cabeça, pesquisa quem seja o Rei, e por fim conhece ser um objeto inanimado; alegre, chama as suas companheiras, as quais perdendo o susto, e por conseqüência o respeito, fazem ao Rei de pau toda sorte de insultos, e com um novo alarido mandam a Júpiter novas embaixadas, para que lhes mande um outro Rei, visto que aquele era inútil. Então o Deus toma o negócio em tom mais sério, e já de alguma sorte indignado envia-lhes uma Cobra, que apenas entrou no charco, começou a exercer o Império com os cruéis dentes; as rãs inermes debalde procuram escapar da morte, que a toda parte se lhes prepara; o medo impede-lhes a fala; apenas às escondidas rogam a Mercúrio, para que solicite do poderoso Júpiter um outro Rei, menos cruel do que aquele, que as pretendia extinguir uma por uma; Júpiter dá-lhes esta única resposta: *já que não quizesteis sofrer o primeiro Rei, que vos dei, que era bom, sofrei agora sem remédio, esse que é mal.*

Moralidade

Tal é a sorte de qualquer Nação, que se não quer contentar com nenhum governo, e que a todo o momento quer mudar de governantes; por fim vem a cair nas garras da tirania, que qual a Cobra da Fabula, se torna assoladora do mesmo povo, que a solicitara. A licença excessiva é que de ordinário produz esses desejos incontentáveis, que como a sede do hidrópico, destrói o corpo social; a *moderação*, hoje tão censurada pelo partido *anárquico*, é a única âncora da salvação de um Estado quando periga; sem ela, nenhum ato pode ser virtuoso. Também nesta Fábula devem ver os governantes o meio termo, que tem de seguir no regime político; nem tanta inércia como a da varinha, nem tanta violência como a da cobra. [grifo meu]

Após a abdicação de D. Pedro I, além do deslocamento na direção das críticas, houve a diminuição na frequência de fábulas no jornal, e também, uma variação temática, com o quase abandono das fábulas que traziam analogias com animais. Os novos temas, conforme os títulos informam, se distanciavam da tradição esópica e traziam narrativas protagonizadas por seres humanos ou objetos, como *O perigo*, *A esperança*, *A necessidade de amar*, *A educação de um Príncipe*, *O poeta*, *o cérebro*, *a*

¹⁶ O Mentor das Brasileiras, n. 98, 28/10/1831, p.779-780.

pena e o tinteiro. Essas fábulas se encerravam nelas mesmas, não possuindo uma interpretação específica sugerida, ou seja, a *alma*.

A vida animal como metáfora para a vida humana, mais predominante nas fábulas do primeiro ano e meio do jornal, parece ter sido vista como uma forma amena e acessível para se discutir sobre política, voltada não somente para o público feminino, mas também para os governantes que por ventura lessem o jornal, como indicado na última fábula.

Conforme dito anteriormente, a publicação de fábulas em jornais no Brasil não era prática corrente, ao menos na primeira metade do século XIX, e alguns jornais que freqüentemente citavam matérias de *O Mentor das Brasileiras* citaram exatamente algumas das fábulas, como o periódico do Rio de Janeiro, *O Republico*¹⁷, e o periódico *O Universal*, de Ouro Preto, também da província mineira¹⁸. O periódico *O Popular*, de Pernambuco, parece ser o que publicou um número maior de fábulas, totalizando 7, dos quais 4 foram compiladas por *O Mentor*.

Cabe ressaltar que os livros de fábulas, tais como o de Fedro, já circulavam pelo Brasil, não sendo uma novidade apresentada por *O Mentor das Brasileiras*. A originalidade se encontra na forma como as fábulas foram reescritas para compor as páginas do jornal, principalmente no que se refere às interpretações sugeridas pelo redator, como parte das *lições de política*. Nesse processo de reescrita, o redator “inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a intenção deles” (DE CERTEAU, 1996), dando origem a um novo texto, com novos significados e objetivos. Isso resulta numa “infidelidade criativa” (PALLARES-BURKE, 1996), testemunha do encontro entre culturas divergentes e da habilidade do autor em manipular textos diversos buscando produzir algo que faça sentido para seus leitores, tendo como referência um *leitor modelo* (ECO, 1986). Além da adaptação do conteúdo, o suporte original também sofria transformações, contribuindo igualmente para a construção de um novo sentido para os textos, pois o “‘mesmo’ texto, fixo em sua letra, não é o ‘mesmo’ se mudarem os dispositivos do suporte que o transmite a seus leitores, a seus ouvintes ou a seus espectadores” (CHARTIER, 1998; 22).

¹⁷ O Republico, n. 26, 01/01/1831. O cão e o crocodilo; citou integralmente a fábula e a moralidade, sem fazer nenhuma alteração.

¹⁸ O Universal, n. 624, 25/07/1831.

Chartier nos lembra aqui da importância da materialidade dos textos para a produção de sentidos pelo leitor e, essa transformação na forma e no suporte, operada pelo redator do *Mentor*, propicia a criação de um novo público, novas formas de leitura e de novos usos para os textos (CHARTIER, 1998).

As fábulas, presentes desde o mundo clássico, tomam, no século XVII, principalmente com La Fontaine, o caráter de instrumento educativo, sendo voltado tanto para os adultos quanto para as crianças, vindo a ser posteriormente relacionadas a esse segundo público, “seja pela simplicidade narrativa, seja pela exemplaridade dos casos morais, que as tornam idôneas também para a recepção infantil, ou assim se espera e se crê.” (CAMBI, 1999; 314-315). O recurso ao potencial educativo das fábulas constitui uma marca que diferencia *O Mentor das Brasileiras* dos periódicos daquele mesmo período, o que indica a percepção de que, para atingir o público feminino, era necessário o uso de uma linguagem figurativa e mais simplificada. Dessa forma, *O Mentor* se propunha a tornar acessíveis às mulheres assuntos considerados “áridos” para o seu entendimento, mas essenciais para que tivessem o posicionamento político considerado “correto” nas décadas de 1820 e 1830 brasileiros.

1. Fontes primárias impressas

Periódicos

O Mentor das Brasileiras, São João del-Rei, Tipografia do Astro, 1829-1832.

O Popular, Pernambuco, Tipografia do Diário; Tipografia Fidedigna, 1830-1831.

O Republico. Rio de Janeiro, Tipografia d’Astréa et allii, 1830-1855

O Universal. Ouro Preto, Tipografia do Universal, 1825-1842.

Livros

CHAMBRY, Émile (Org. e Trad.). *Ésope. Fables*. Paris, Société d’édition “les belles lettres”; Collection des Universités de France; publiée sous le patronage de l’association Guillaume Budé, 1927.

DELBIAUSSE, Roger. La Fontaine – Fables, Psyché, œuvres diverses. In: GROOS, René (direction). *Les classiques verts*. Paris: Les éditions nationales, 1947.

Fabulas de Phedro, escravo forro de Augusto Cesar...Lisboa: Francisco Luiz Ameno, 1785.

FÉNELON, François de Salignac de La Mothe-. Instructions for the education of a daughter, by the author of Telemachus. To which is added a small tract of instructions ... Done into English, and revised by Dr. George Hickes: Edinburgh, 1750. Eighteenth Century Collections Online. Gale Group.<http://galenet.galegroup.com/servlet/ECCO>

LOCKE, John. Some thoughts concerning education. Publish'd at the request of several of the nobility of this kingdom: Dublin, 1737. Eighteenth Century Collections Online. Gale Group.<http://galenet.galegroup.com/servlet/ECCO>

PHAEDRUS. The fables of Phaedrus, translated into English prose.... London: Printed for Joseph Davidson, at the Angel in the poultry, Cheapside, 1745.

ROUSSEAU, Jean-Jacques (1999). Emílio. ou Da Educação. São Paulo: Martins Fontes.

2. Referências Bibliográficas

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras; ALB; FAPESP, 2003.

ADRADOS, Francisco Rodríguez. *História de la Fabula Greco-latina*. Introduccion y de los origines a la edad helenistica. Madri: Editorial de la Universidad Complutense, vol. 1 e 2, 1979-1987.

ALBANESE Jr., Ralph. *La Fontaine à l'école républicaine: du poète universel au classique scolaire*. Charlottesville: Rookwood Press, 2003.

ARIZONA CENTER FOR MEDIEVAL AND RENAISSANCE STUDIES. *Reinassance Fables*. Aesopic Prose by Leon Battista Alberti, Bartolomeo Scala, Leonardo da Vinci, Bernardino Baldi. Tempe, Arizona, Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2004.

BOIVIN, Jeanne-Marie; HARF-LANCNER, Laurence (tradution, presentation, notes). *Fables françaises du Moyen Âge: les isopets*. Paris; GF-Flammarion, 1996.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos Livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UnB, 1998.

D'AMAT, Roman; LIMOUZIN-LAMOTHE, T. (Org.). *Dictionnaire de Biographie Française*. Paris VI. Librairie Letouzey et Ané. Fascicule CIX, 1995. Jean de La Fontaine.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano. Morar, cozinhar*. Petrópolis, TJ: Vozes, 1996, vol 2.

ECO, Umberto. *Lector in fabula. A cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; CHAMON, Carla Simone; ROSA, Walquiria Miranda. *Educação elementar: Minas Gerais na primeira metade do século XIX*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

FRAGONARD, Marie-Madeleine. “Comment l’esprit vient aux fables: les réinterprétations du récit (XVIe-XVIIe)”. In : BIDEAUX, Michel et all (Org.). *Fables et fabulistes. Variations autour de La Fontaine*. Mont-de-Marsan, France: Editions Universitaires, 1992.

LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos. A Guerra dos jornalistas na imprensa. 1821-1823*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos. Imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)*. São Paulo: HUCITEC, 2005.

NEVES, Lúcia Maria B. Pereira das. *Corcundas e constitucionais. A cultura política da independência (1820-1922)*. Rio de Janeiro: FAPERJ; Ed. Revan, 2003.

_____; MACHADO, Humberto F. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

NOEL, Thomas. *Theories of the fable in the eighteenth century*. New York; London: Columbia University Press, 1975.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. In: *Caderno de Pesquisa*, n.104 p.144-161, jul. 1998

_____. *Nísia Floresta, O Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo: Hucitec, 1996.

VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.